

A midiatização de atletas refugiados nos Jogos Olímpicos Rio 2016

Monalisa Pontes Xavier¹
Ana Isabel Freire²

Resumo

A partir de operações de midiatização, a questão dos refugiados passa a ser discutida em diferentes espaços sociais, dentre eles os Jogos Olímpicos Rio 2016, onde é explorada através do Time Olímpico de Refugiados (TOR). Neste trabalho, realiza-se um estudo de caso acerca da midiatização deste grupo específico de migrantes tendo como objeto de referência notícias produzidas e divulgadas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) a respeito do Time Olímpico. Por meio da análise dos sentidos que emergem nessas notícias, observa-se como a midiatização da questão dos refugiados possibilita a produção de sentidos acerca desses sujeitos, bem como em relação ao contexto social no qual essas populações estão inseridas.

Palavras-chave: Midiatização. Refugiados. Olimpíadas.

The mediatization of refugee athletes at the Rio 2016 Olympic Games

Abstract

From mediatization operations, the issue of refugees starts to be discussed in different social spaces, among them the Rio 2016 Olympic Games, where it is explored through the Refugee Olympic Team (TOR). In this paper, a case study is carried out about the mediatization of this specific group of migrants having as reference object news produced and disseminated by the International Olympic Committee (IOC) about the Olympic Team. Through the analysis of the meanings

¹ Professora do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Identidades e Subjetividades (NEPCIS). E-mail: monalisapx@yahoo.com.br

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: anaisabelfreiremsm@gmail.com

that emerge in this news, it is observed how the mediatization of the refugee issue of refugees enables the production of meanings about these subjects, as well as in relation to the social context in which these populations are inserted.

Keywords: Mediatization. Refugees. Olympics.

Introdução

A migração se tornou, nas últimas décadas, um tema que tem instigado pesquisadores de muitas áreas, dado sua grande incidência em diferentes campos sociais. É possível perceber as mudanças em curso na contemporaneidade em relação ao contexto dos deslocamentos populacionais que resultam em processos migratórios distintos daqueles ocorridos em períodos anteriores.

É sabido que os processos migratórios são inerentes às sociedades humanas desde épocas remotas e que, com o passar do tempo, se modificam as razões que motivam tais deslocamentos. As migrações em curso desde a segunda metade do século XX apresentam características que as diferenciam sensivelmente dos processos ocorridos anteriormente, como evidenciam diversos estudos da área (COGO, 2006; SASSEN, 2016; WENDEN, 2016); é possível acompanhar o aumento no fluxo de migrantes em diferentes regiões do planeta, especialmente daqueles nomeados refugiados, sujeitos que, em razão de perseguições, guerras ou violações aos direitos humanos, se veem obrigados a deixar seu país, encontrando na migração a única forma de garantir sua sobrevivência.

O agravamento da crise humanitária no que diz respeito à situação dos migrantes globais, especialmente das pessoas refugiadas ou em busca de refúgio coincidiu com o período de realização dos Jogos Olímpicos Rio 2016, realizados no Rio de Janeiro (Brasil). Nesta pesquisa, busca-se compreender o processo de midiatização dos refugiados a partir da investigação sobre o caso do Time Olímpico de Refugiados (*Refugee Olympic Team*), analisando a questão por um viés comunicacional, partindo de uma perspectiva de sociedade em acelerado processo de midiatização.

Esta pesquisa tem caráter empírico, ou seja, realiza-se uma investigação acerca de um “ângulo da realidade”, como afirma Braga (2011), e se assume o desafio de compreender acontecimentos do campo comunicacional a partir do tensionamento com a teoria. O caráter empírico da investigação é definido pelas exigências do próprio objeto,

uma vez que para pensar a mediação da questão migratória de refugiados é necessário se debruçar sobre os acontecimentos, no caso específico do trabalho aqui apresentado, a mediação dos atletas do Time Olímpico de Refugiados e os sentidos que emergem a partir das notícias produzidas e divulgadas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI).

Deste modo, realiza-se um estudo de caso, método de investigação empírica que, como define Yin (2015, p. 17), possibilita compreender um “fenômeno contemporâneo (o “caso”) em profundidade e em seu contexto de mundo real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto puderem não ser claramente evidentes.”. A opção pelo estudo de caso se dá a partir do entendimento de que esta se apresenta como a estratégia de observação mais adequada ao objeto, tendo em vista a tarefa de compreender a mediação de processos sociais contemporâneos, os possíveis sentidos construídos sobre o time de refugiados a partir dos discursos do COI e ainda a análise sobre como tais discursos produzem sentidos acerca das populações de refugiados.

Criado pelo Comitê Olímpico Internacional em ação realizada com o apoio do *United Nations High Commissioner for Refugees* (UNHCR), o Time Olímpico foi composto exclusivamente por atletas em situação de refúgio e, segundo as duas organizações, teve como um de seus principais objetivos o de transmitir uma mensagem de esperança e encorajamento aos milhares de refugiados em todo o mundo.

Em setembro de 2015, o COI anunciou a criação da equipe de refugiados e também de um fundo emergencial de assistência a pessoas em situação de deslocamento forçado global. Além do auxílio aos refugiados, o planejamento do Comitê previa ainda a descoberta de atletas com potencial para competir nos jogos Rio 2016.

Por meio de um investimento no valor de dois milhões de dólares, proveniente do COI e do Fundo Solidariedade Olímpica, os comitês olímpicos nacionais receberam recursos para “garimpar” atletas de alto nível que tivessem sido afetados pela crise migratória e que, naquele momento, se encontrassem em situação de refúgio. Segundo informações divulgadas pelo comitê em março de 2016, 43 atletas com potencial para competir no Rio de Janeiro participaram do processo de seleção para os jogos. Ao final do processo, 10 atletas foram escolhidos pelo Comitê Executivo do COI para integrarem a primeira equipe formada exclusivamente por esportistas refugiados, um marco na história da competição.



Fig. 01: Atletas do Time Olímpico de Refugiados e o presidente do COI, Thomas Bach, durante a apresentação oficial da equipe em agosto de 2016. Fonte: COI, 2016.

A criação da equipe de refugiados foi intensamente midiaticizada, não apenas pela presença de atletas refugiados nos jogos, algo que já havia acontecido antes nas Olimpíadas de Londres, em 2012, mas pelo ineditismo da formação de uma equipe num momento em que se discutia o agravamento da crise migratória global. Notícias anunciando a criação do time e as histórias de vida dos atletas figuraram em veículos de imprensa nacionais e internacionais, em publicações em redes sociais digitais, além de produções realizadas pelo próprio COI.

Atravessamentos e transformações no contexto da midiaticização

O aumento do fluxo de migrantes e refugiados na contemporaneidade é um acontecimento que atravessa e afeta diferentes campos em virtude de suas dimensões histórica, política, econômica, cultural, subjetiva e também midiática, sendo que a produção de sentidos sobre tal fato social está fundada no contexto da midiaticização em curso.

As transformações que se processam nessa ambiência podem ser percebidas, conforme Fausto Neto (2008, p. 92), nas instâncias de produção, circulação e consumo de discursos, de modo que “a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por

pressupostos e lógicas do que se denomina a ‘cultura da mídia’”. As lógicas dessa cultura da mídia se tornam uma “referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos e interação entre as instituições e os atores sociais”, como argumenta o autor (2008, p. 93), deixando de ocupar uma posição auxiliar no contexto social, possibilitando ainda a instituição de diferentes operações de sentido que são cotidianamente construídas, apontando para um novo “feixe de relações”.

Diferente do que se processa na sociedade dos meios, onde as mídias possuíam uma autonomia relativa frente a outros campos sociais, no cenário atual temos a midiatização como fenômeno que “transcende aos meios e mediações”. Ela viabiliza o surgimento de diferentes enunciações, pois:

[...] desloca a problemática dos meios do âmbito dos campos sociais, e dos próprios meios em si, para a dos processos, complexificando a própria noção de processos midiáticos na medida em que estes passam a ser vistos como geradores de novas estruturas enunciativas, segundo novos elementos de caráter tecno-discursivo. (FAUSTO NETO, 2009, p. 9).

Ainda em conformidade com o referido autor, destaca-se que no contexto de uma sociedade em midiatização, os processos e fluxos se transformam de modo a configurar um modelo de interação social distinto, o que se refletirá, inclusive, na constituição dos objetos comunicacionais, como evidenciado no trecho a seguir:

Todos os nossos encontros com os meios se dão numa processualidade, num ambiente de fluxo intenso, onde nós nos instalamos também. É nesse ambiente que se estabelece o novo modelo de interação social. O objeto comunicacional, portanto, não está mais retido em fronteiras específicas de campos, ele não está mais retido na fronteira física ou técnica de uma estação televisiva, de um jornal, de uma rádio, o objeto comunicacional espalha-se por toda arquitetura da midiatização, espalha-se sobre todas as práticas sociais, gerando novas interações, novas relações socio-técnicas e um novo funcionamento dos significantes da linguagem. (FAUSTO NETO, 2017, s.p.).

Segundo Xavier (2014, p. 44), o processo de midiatização provoca uma redefinição do desenho social dos campos quando, a partir de uma dinâmica de atravessamentos, os espaços antes bem definidos, se reconfiguram. Nas palavras da autora: “[...] a medida que a mídia vai povoando os espaços fronteirços, passa a se

expandir, extrapolando limites até então bem estabelecidos e criando outros modos de se relacionar com tais campos hipoteticamente preservados”.

Nesse contexto, diversos outros campos sociais passam modificar seus processos internos e suas formas de interação com outros campos através de tecnologias midiáticas (BRAGA, 2015), sinalizando para a constituição da midiatização como processo interacional de referência da sociedade contemporânea como defende o autor, sendo tais processos os direcionadores da construção da realidade social (BRAGA, 2006).

No que tange ao objeto desta pesquisa e fazendo um paralelo com o pensamento de Braga (2012), tornam-se evidentes os atravessamentos que se processam, a partir de uma dinâmica da midiatização, onde campos originalmente “não-midiáticos” passam a produzir sentidos segundo lógicas e operações do campo das mídias, como no caso analisado a partir das publicações do COI.

Refugee Olympic Team: aproximações ao objeto

A partir da dinâmica de atravessamentos, onde diferentes campos sociais afetam e são afetados por dinâmicas e operações de midiatização, é possível perceber como os processos sociais passam a ser, cotidianamente, discutidos em variados espaços, como é o caso das migrações e da situação das populações de refugiados.

Deste modo, organizações de outros campos sociais, como é o caso do COI têm a possibilidade de, apropriando-se de lógicas próprias do campo da mídia, produzir discursos e sentidos acerca da questão dos refugiados. Os discursos produzidos pelo Comitê Olímpico trazem referências ao Movimento Olímpico, cujas bases sustentam ideais como solidariedade, fraternidade, inclusão e promoção da paz através do esporte.

A página analisada é nomeada *Refugee Olympic Team* e integra o site do COI (www.olympic.org/); para o estudo, foram selecionadas as notícias publicadas no período de outubro de 2015 e abril de 2017. O recorte temporal permite o contato com informações publicadas antes, durante e depois dos Jogos Olímpicos Rio 2016, obtendo um total de 24 notícias, sendo que no presente trabalho apresenta-se um dos casos mais significativos para discussão do corpus.



Fig. 02: Tela principal da página *Refugee Olympic Team*, no site do COI. Fonte: COI, 2017.

Vinculada ao submenu *News topics* (Tópicos de Notícias), que está, por sua vez, associado ao menu *News*, na página destinada ao Time Olímpico de Refugiados encontram-se notícias relacionadas à equipe de refugiados, compostas por textos, fotos e vídeos sobre o time, os atletas e suas histórias de vida antes dos jogos, bem como a participação deles nas Olimpíadas e sua atuação após as competições, elevados à categoria de símbolos da luta de milhões de pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade como refugiados.

A produção de sentidos na página *Refugee Olympic Team*

Como explica Verón (2004), todo discurso na sociedade reflete a determinação das condições sociais, políticas, econômicas e institucionais que marcam o contexto de sua produção. A notícia aqui destacada foi publicada em 03 de junho de 2016 e teve como título "*Refugee Olympic Team to shine spotlight on worldwide refugee crisis*". Esta é a matéria que apresenta os dez atletas escolhidos para formar o Time Olímpico de Refugiados. Logo no início, o enunciador indica as funções da equipe que incluíam: dar visibilidade à crise mundial de refugiados, ser símbolo de esperança para todos os refugiados e trazer a atenção global para a magnitude da referida crise.

No primeiro vídeo, são destacadas imagens dos atletas durante treinamentos sem, no entanto, serem fornecidas informações sobre quem são e onde vivem; o foco do vídeo é apresentar as modalidades nas quais eles competirão: atletismo, judô e natação. Os nomes, nacionalidades, países onde estão refugiados e modalidades são descritos ao longo do texto e em vídeos específicos, com duração média de 3 minutos cada, divididos na seguinte ordem: 1) Os corredores sul-sudaneses, 2) Rami Anis (sírio), 3) Yonas Kinde (etíope), 4) Yusra Mardini (síria) e 5) Os judocas congolezes.

O vídeo intitulado “*Fugindo do Sudão do Sul para correr no Rio 2016*” apresenta o grupo de corredores sul-sudaneses que vivem com refugiados no campo de Kakuma, no norte do Quênia: Angelina Lohalith, James Nyang, Paulo Lokoro, Rose Nathike e Yiech Pur Biel. Na peça, os atletas comentam sobre os motivos da migração e as expectativas para os jogos. O primeiro a falar é Yiech Pur Biel que relata ter deixado seu país aos nove anos de idade em decorrência do conflito, não detalhando como foi a partida de casa ou a chegada ao Quênia.

James Nyang, o segundo refugiado apresentado no vídeo, relata ter fugido do Sudão do Sul para não ser recrutado como soldado na guerra, ele diz: “Os soldados estavam procurando pessoas e crianças. Mesmo se você tem 10 anos eles podem te recrutar para se juntar a eles. Então eu vi que não estava bem o suficiente para me juntar a eles e era melhor que eu procurasse outro lugar” (NYANG, 2016, s.p., tradução nossa). Aqui é possível destacar algumas informações importantes sobre particularidades da situação no Sudão do Sul: o recrutamento de crianças para atuarem como soldados no conflito e o sentimento de James de não se considerar bom o suficiente para se juntar aos soldados. Essa afirmação do atleta deixa um questionamento: caso ele considerasse estar bem o suficiente para atuar ativamente na guerra, teria migrado?

Rose Nathike, uma das refugiadas que também integra a equipe relata: “O combate começou em nosso vilarejo e eles fugiram nos deixando ir para outra cidade. Foi quando nós pegamos um veículo e ele nos deixou no Quênia” (COI, 2016). A jovem não especifica quando ocorreu a fuga, quem são as pessoas que fugiram e permitiram que ela deixasse o vilarejo, nem tampouco informa sobre como ocorreu a migração para o novo país e as adversidades enfrentadas nesse processo, dados ignorados nessa apresentação.

A partir desse ponto os atletas deixam de lado as experiências migratórias e passam a falar sobre os Jogos. Pur Biel e Angelina Lohalith ressaltam a oportunidade de

contato com pessoas diferentes durante a experiência na Olimpíada para assim poderem contar aos refugiados do campo com essas pessoas vivem e o que fazem:

'Vai ser muito bom para nós viver como uma família na Vila [Olimpica], porque quanto mais você vive lá e interage com as outras pessoas você vê como eles vivem, vê como eles estão vivendo com outras pessoas e então, quando você voltar para o seu país, para o Quênia, você conta para os outros [refugiados]: 'lá eles estão vivendo assim' e isso vai ser muito bom para essas pessoas'. (PUR BIEL, 2016, s.p., tradução nossa).

O desejo desses atletas, expresso através da fala de Pur Biel, permite analisar como a vivência do refugiado que está nos campos de concentração é diferente da vivência daqueles que estão do lado de fora. Seu discurso aponta para a curiosidade acerca do que consideram ser a vida normal dos não refugiados: o que essas pessoas fazem? Como vivem esses sujeitos que não estão recolhidos em locais marginais com seu direito de ir e vir controlado por organizações que integram os dispositivos humanitários? Nesse relato identificamos a necessidade específica de contato do refugiado que está nos campos com a normalidade, uma experiência certamente distinta da que a nadadora Yusra Mardini tem na Alemanha, por exemplo.

Na sequência tem-se o vídeo de apresentação de Rami Anis, nadador sírio, que deixou seu país em 2011 quando iniciaram os sequestros e bombardeios, como o próprio atleta relata. Na Bélgica, onde reside como refugiado, Rami não dá informações sobre como ocorreu sua partida da Síria ou como chegou ao território belga; sua fala está centrada na vivência com outros nadadores e profissionais que atuam no clube onde treina e se prepara para os jogos: "Eles me tratam muito bem. Eu falo com eles em inglês. Meu inglês não é muito bom, mas nós conseguimos nos entender. Eles sempre me encorajam a treinar e me ajudam fora da piscina. Se eu precisar de qualquer coisa eles vão me ajudar" (ANIS, 2016, s.p., tradução nossa).

Nesta fala pode-se perceber que o bom acolhimento que o refugiado teve no clube belga se sobrepõe à dificuldade de comunicação com os companheiros de treino; ressalte-se que ele não faz menção às relações e experiências na cidade ou com outros moradores do lugar. Rami finaliza seu depoimento expressando o desejo de "transmitir uma boa imagem dos refugiados", ou seja, reforça um discurso das organizações idealizadoras do time que visa transmitir ao mundo uma imagem socialmente agradável

desses sujeitos, uma imagem de refugiados que não apresentam ameaça, pois são dóceis, úteis.

O vídeo sobre Yonas Kinde, maratonista etíope refugiado em Luxemburgo apresenta imagens do atleta durante os treinamentos e também em sua casa, realizando ações cotidianas. Yonas relata ter deixado a Etiópia em virtude de problemas políticos: “Havia muitas dificuldades, moralmente, economicamente; era muito difícil ser um atleta e você pode ficar louco algumas vezes se você está em um campo de refugiados” (KINDE, 2016, s.p., tradução nossa). Além de indícios sobre a situação em seu país, o atleta aponta para outro problema enfrentado pelos refugiados: a vida nos campos de concentração.

Em sua fala, o atleta não dá informações sobre como ocorreu sua migração até Luxemburgo ou sobre sua experiência nos campos de refugiados, deixando incerta sua passagem por um deles. Com imagens do atleta em sua casa, preparando e servindo chá, além de *closes* em seus troféus e em uma fotografia antiga, emoldurada, onde ele aparece trajando terno e gravata, tem-se uma narrativa que remete à ideia de normatização de um sujeito que inspira confiança, sendo inofensivo, dócil e receptivo.



Fig. 03: Cenas do cotidiano de Yonas Kinde, na Bélgica. Fonte: COI, 2016

No trecho seguinte, Yonas sinaliza para a dificuldade da vida de refugiado sem, no entanto, detalhar quais seriam, finalizando com otimismo por estar livre, dizendo: “No começo eu não havia entendido que a vida de refugiado era assim. É difícil. Por outro lado, se você for ver, somos livres aqui. Existem alguns problemas com a situação dos refugiados, mas eu lembro que tive uma grande mudança antes, então isso é muito bom” (KINDE, 2016, s.p., tradução nossa).

A satisfação pela liberdade pode ser relacionada à fala anterior onde critica a situação de aprisionamento nos campos que podem, inclusive, levar os refugiados à loucura. Como forma de atrelar a experiência do refugiado com a vivência esportiva, Yonas destaca a capacidade de superação do atleta que, mesmo diante de situações muito difíceis pode ter bons resultados, uma fala que reforça a ideologia da meritocracia sugerida aos refugiados que poderiam superar as adversidades caso se esforçassem para tal.

O próximo vídeo traz a história da nadadora síria Yusra Mardini, refugiada na Alemanha. Durante os quase 4 minutos de filme tem-se falas da atleta e de seu treinador, Sven Spannekrebs, além de inserções de caracteres com informações sobre a jovem, em nenhum momento do vídeo Yusra se define como refugiada, sendo todo o foco da narrativa voltado para a atleta e não para a migrante.

O vídeo inicia informando que a jovem de 17 anos deixou a Síria e vai competir nos Jogos Olímpicos integrando o Time Olímpico de Refugiados, equipe descrita por ela como um time “para atletas que deixaram suas casas porque as perderam e que desejam continuar a serem atletas”, em contradição com o discurso oficial do COI que atribui a criação da equipe à necessidade de chamar atenção para a crise migratória.

Yusra fala de modo descontraído e positivo sobre a conexão com outros jovens alemães e os desafios com o idioma, que são superados com bom humor; o treinador fala sobre o bom estado mental da atleta e sua técnica na piscina. Com grande destaque para a ideia de mérito/sucesso, a jovem diz que pode alcançar o que quiser, pois está “trabalhando duro” para isso. A única menção ao seu país de origem aparece quando ela afirma: “Aqui [na Alemanha] não é como o meu país, pois o meu país não pode oferecer tudo isso. Aqui eles estão oferecendo muitas coisas e podem ajudar você a seguir o caminho certo. E sim, eu posso fazer aquilo que eu quiser” (MARDINI, 2016, s.p., tradução nossa). Esta fala é particularmente interessante por apontar para a ausência do sentimento de pertencimento da jovem em relação à sua terra natal, bem como ao nível de adaptação ao novo país.



Fig. 04: Yusra Mardini juntamente com outros adolescentes alemães, numa imagem que sugere a boa integração na jovem síria no país onde está refugiada. Fonte: COI, 2016

Quando se considera a origem síria da jovem, se percebe que existe todo um contexto discursivo que é amplamente midiaticizado, seja através das mídias tradicionais, seja por meios alternativos, que associa os migrantes desse país ora a vítimas que merecem compaixão, ora a sujeitos que remetem ao perigo das ameaças terroristas e que, por isso, devem ser evitados a todo custo. Assim, se entende que a fala de Yusra indica uma tentativa de distanciamento em relação ao passado, buscando se desvincular desse discurso previamente construído acerca dos migrantes do seu país, ignorando inclusive o estatuto de refugiada, centrando-se apenas na identidade de atleta, o que fica demonstrado na fala de encerramento do vídeo: “Você é um atleta; você não pensa se é sírio, se vem de Londres ou da Alemanha” (MARDINI, 2016, s.p., tradução nossa).

O último vídeo traz a apresentação dos dois judocas congolese: Popole Misenga e Yolande Mabika. Sem relatar o processo migratório dos dois refugiados que vivem no Brasil, temos aqui, de modo mais evidente, as falas de Geraldo Bernardes, treinador dos dois no Instituto Reação, clube de judô carioca onde se prepararam para as Olimpíadas. É Geraldo quem fala *sobre* e *pelos* atletas, é sua voz que narra as dificuldades de socialização dos dois quando chegaram ao instituto:

“Quando Popole chegou ao Instituto Reação ele mostrava uma agressividade pouco controlada que resultou em um clima de hostilidade entre os demais atletas e ele. Eu fui obrigado, ao saber dessa história, a fazer uma reunião com meus atletas e falar para eles o porquê. Eles entenderam e essa animosidade acabou. A Yolande também tinha certa agressividade no início” (BERNARDES, 2016, s.p.).

A relação entre a agressividade e a condição de refugiado fica apenas implícita da fala do treinador. Nas poucas vezes em que é dado espaço de fala aos atletas no vídeo, os comentários se restringem a aspectos esportivos como, por exemplo, a qualidade técnica do judô praticado no Brasil; os judocas não fazem referências às suas experiências migratórias e, por apresentarem, naquele momento, um perfil distante daquele do refugiado ideal, eles perdem o direito à voz e passam a ser falados por outros sujeitos.



Fig. 05: Popole Misenga, refugiado congolês, no vestiário do Instituto Reação (RJ) onde treina. Fonte: COI, 2016.

Nos poucos momentos em que é permitido a ambos se manifestarem, seus discursos projetam expectativas em relação à competição e expressam mensagens “aos refugiados em todo o mundo”, com forte apelo motivacional evidenciado, por exemplo, por Popole quando diz: “Você não pode deixar as pessoas acharem isso, que só porque você é refugiado você tem que parar”, ou pela fala de Yolande: “Minha mensagem para os refugiados do mundo é para não perderem a esperança e continuarem acreditando, para terem fé em seus corações” (MABIKA, 2016, s.p.).

Nesse caso, se tem o silenciamento direto tanto da história da migração, como das próprias vozes dos refugiados que apenas ilustram o vídeo através da execução de golpes e movimentos típicos do judô, tendo pouquíssimo espaço de fala na narrativa.

Além disso, todo o discurso reforça o ideal de refugiado esforçado e resiliente, que deve ter fé e esperança de dias mais felizes.

Considerações finais

A presente pesquisa é desenvolvida tendo em vista a ambiência complexa da midiatização em curso, o que possibilita observar o objeto em um cenário em transformação, onde os atores sociais e a mídia constroem sentidos acerca dos fenômenos sociais a partir de dinâmicas de atravessamentos. Desse modo, as migrações e todo o conjunto de problemáticas e desafios que elas trazem aparecem como temática importante e que precisa ser pensada. Este trabalho apresenta uma síntese do que foi alcançado a partir das reflexões realizadas acerca dos discursos produzidos pelo Comitê Olímpico Internacional.

Conforme diz Fausto Neto (2017), tendo em vista o acelerado processo de midiatização em curso, não é possível ignorar as interpenetrações discursivas entre diversos sistemas, uma vez que as “práticas sociais estão entrelaçadas pelas discursividades sociais”. A partir das análises foi possível identificar como as notícias publicadas na página *Refugee Olympic Team* ressaltam a responsabilização do refugiado por seu deslocamento, a desqualificação das múltiplas vivências do contexto migratório, o contraponto entre os perfis individuais versus os grupos de atletas, a construção da imagem do “bom refugiado” versus o refugiado fora do padrão, o esporte como consolo e inspiração, além do reforço a mensagens de esperança e inclusão. Neste sentido, é importante destacar ainda a construção discursiva dos refugiados do Time Olímpico, com especial atenção à sua normatização por meio do enquadramento em um modelo ideal pretendido, bem como aos silenciamentos operados pela organização (COI).

Tal silenciamento decorre da fragmentação da narrativa migratória dos sujeitos, cujo contexto é apresentado de modo parcial, tanto pela abordagem superficial dos processos migratórios, quanto no que diz respeito à acolhida nos países de refúgio, dificuldades para obter o status de refugiado, as limitações da vida nos campos de concentração de refugiados, etc. Assim, as publicações do COI apenas sinalizam para a existência de conflitos e situações que produzem deslocamentos de populações de refugiados, ocultando as particularidades de cada processo, de cada região onde esses deslocamentos ocorrem, sendo que é justamente nelas que se devem encontrar as

causas desse fenômeno. Além desses aspectos, aponta-se o silenciamento dos próprios atletas, como foi o caso dos judocas congolezes, Popole Misenga e Yolande Mabika que tiveram dificuldade de adaptação e desentendimentos com os demais atletas do clube onde treinavam, situação que os colocou distantes do perfil ideal de refugiado pretendido.

Os perfis construídos a partir das narrativas apontam para a midiaticização de um sujeito que é herói, na medida em que é capaz de vencer as situações mais adversas, como ocorre nos relatos sobre a nadadora síria Yusra Mardini. O refugiado dos discursos é um sujeito útil, pois tem disposição para mudar, ajustar-se ao novo lugar, é resiliente e, por isso, se esforça para se adaptar à nova vida, como aconteceu com Rami e Yonas.

No caso analisado se observam situações específicas de deslocamento forçado e refúgio que estão longe de dar conta da complexidade do fenômeno migratório. As notícias publicadas na página *Refugee Olympic Team* (COI) ressaltam a caracterização dos atletas como sujeitos resilientes, exaltando o mérito individual do esportista refugiado na superação das dificuldades decorrentes do processo migratório. O risco da midiaticização de tais modelos pretendidos de refugiados está na desqualificação de outras experiências que eles sugerem. Ao evidenciar um sujeito que é dono de seu destino, capaz de sozinho, resolver suas questões e que não lamenta suas mazelas, a organização desqualifica as vivências distintas de outros refugiados por meio de discursos que deslegitimam seus sofrimentos quando os colocam em contraste com os exemplos bem-sucedidos dos refugiados olímpicos.

Referências

BRAGA, J. L. Sobre "mediatização como processo interacional de referência". In: **Animus** / Revista Interamericana de Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, v. V, n. 2, p. 9-35, jul/dez 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/animus/article/viewFile/6693/4050#page=9>. Acesso em 25 abr. 2020.

_____. A constituição do campo da comunicação. In: **Verso e Reverso**, XXV(58), p. 62-77, janeiro-abril 2011, Unisinos, São Leopoldo, 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/924/147>. Acesso em: 07 jul. 2020.

_____. Circuitos versus campos sociais. In: **Mediação & Midiatização**. Org. Jeder Janotti Junior; Maria Ângela Mattos; Nilda Jacks. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2020.

_____. Lógicas da mídia, lógicas da midiaticização? In: **Relatos de investigaciones sobre mediaticizaciones**. (Org.) Antônio Fausto Neto, [et.al.], Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, Rosario, 2015. Disponível em: <http://rephip.unr.edu.ar/handle/2133/4965>. Acesso em: 25 abr. 2020.

COGO, D. **Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas**. Rio de Janeiro: E-papers; Brasília: CSEM, 2006.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Refugee Olympic Team to shine spotlight on worldwide refugee crisis**. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/refugee-olympic-team-to-shine-spotlight-on-worldwide-refugee-crisis>. Acesso em 06 abr. 2018.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma "analítica" da midiaticização. In: **Matrizes / Revista de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38194/40938>. Acesso em: 02 jul. 2016.

_____. Epistemologia do zigue zague. In: **Anais do I Seminário de Epistemologia e Pesquisa em Comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2009. v.cd. p.s/n.

_____. Metodologia nas sociedades em midiaticização. (Informação oral). **II Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPI**. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

SASSEN, S. Três migrações emergentes: uma mudança histórica. In: **Revista Internacional de Direitos Humanos**. Dossiê SUR sobre Migrações e Direitos Humanos, v.13, n.23, 29-42, 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2016/09/2-sur-23-portugues-saskia-sassen.pdf>. Acesso em 21 set. 2017.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

WENDEN, C. W. As novas migrações. In: **Revista Internacional de Direitos Humanos**. Dossiê SUR sobre Migrações e Direitos Humanos, v.13, n.23, 17-28, 2016. Disponível em: <http://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2016/09/1-sur-23-portugues-catherine-wihtol-de-wenden.pdf>. Acesso em 21 set. 2017.

XAVIER, M. P. **A consulta transformada**: experimentações de dispositivos interacionais "psi" na sociedade em midiaticização. São Leopoldo: Unisinos, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4774/monalisaXavier.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 30 jun. 2017.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.